



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIIm
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS / SOCIOLOGIA

EVANDRO PEREIRA FERNANDES

**A CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA DE 2014 A 2017 E SEUS REFLEXOS NO
CENTRO COMERCIAL DE IMPERATRIZ**

Imperatriz
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

FERNANDES, Evandro Pereira.

A CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA DE 2014 A 2017 E SEUS
REFLEXOS NO CENTRO COMERCIAL DE IMPERATRIZ / Evandro
Pereira FERNANDES. - 2023.

24 p.

Orientador(a): Agnaldo José da SILVA.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz -
MA, 2023.

1. Calçadão de Imperatriz. 2. Crise econômica. 3.
Trabalho Informal. I. SILVA, Agnaldo José da. II. Título.

EVANDRO PEREIRA FERNANDES

A CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA DE 2014 A 2017 E SEUS REFLEXOS NO
CENTRO COMERCIAL DE IMPERATRIZ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Ciências Humanas/Sociologia, da
Universidade Federal do Maranhão/
UFMA, campus Imperatriz-MA, como
requisito para obtenção do título de
licenciado (a) sob orientação do Prof.
Dr. Agnaldo José da Silva - UFMA

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Agnaldo José da Silva - UFMA
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Vanda Maria Leite Pantoja - UFMA
(Examinadora)

Prof. Me. Marcos Moreira Lira - UFNT
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Ao dono da vida, Pai presente e meu Amigo de todas as horas.

À minha namorada, companheira, amiga e mãe dos nossos filhos, Tamiris Sabino por toda cumplicidade e parceria de sempre.

Aos meus companheiros e companheiras desta casa, que contribuíram de forma direta para minha formação humana, especialmente aos meus amigos Fábio e Lucas, que além de amigos, se tornaram meus irmãos.

Ao meu professor orientador, Prof. Dr. Agnaldo Silva e em seu nome agradeço todos os demais professores e professoras da LCH que mediaram o conhecimento, contribuindo para a minha formação teórica e humana.

Ao meu amigo, professor mestre Marcos Lira, ter partilhado inúmeros momentos comigo e por ter aceitado o convite de compor a banca examinadora.

A professora Dr. Vanda Pantoja, pela formação durante os períodos que estivemos em sala e por aceitar o convite de compor essa banca.

E a toda turma 2013.2, pois foi nessa turma que pude vivenciar inúmeros momentos de aprendizado.

RESUMO

Este artigo teve como objetivo refletir sobre a crise econômica brasileira de 2014 a 2017 e como ela afetou e se fez sentir no centro comercial de Imperatriz, conhecido como Calçadão. Para fundamentar a pesquisa recorreu-se a autores como Mészáros (2009) e Alves (2009 e 2013), entre outros. Foram realizadas doze entrevistas semiestruturadas com trabalhadores informais, funcionários do comércio local e proprietários de lojas do local. Apesar do escopo limitado da pesquisa, constatou-se que a referida crise econômica afetou diretamente a economia local, traduzindo-se na redução da circulação de dinheiro no comércio, no fechamento de lojas e no aumento de desempregados e de trabalhadores informais.

Palavras-chaves: Crise econômica. Calçadão de Imperatriz. Trabalho Informal.

ABSTRACT

This article aimed to reflect on the Brazilian economic crisis from 2014 to 2017 and how it affected and made itself felt in the commercial center of Imperatriz, known as sidewalk. To support the research, authors such as Mészáros (2009) and Alves (2009 and 2013), among others, were used. Twelve interviews were conducted with informal workers, local trade employees and local store owners. Despite the limited scope of the research, it was found that the aforementioned economic crisis directly affected the local economy, resulting in a reduction in the circulation of money in commerce, the closing of stores and an increase in the number of unemployed and informal workers.

Keywords: Economic crisis. "Calçadão" of Imperatriz. Informal work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 REFLEXOS DA CRISE ECONÔMICA NO BRASIL DE 2008 A 2017	11
2 RESULTADOS E DISCUSSÕES	15
CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS.....	22

INTRODUÇÃO

Para compreender melhor a crise econômica brasileira de 2014 a 2017 é necessário, antes de tudo, termos a definição clara do que é uma crise econômica e como a mesma se estabelece. A condição que nos levará a ter tal definição deve partir, no primeiro momento, de uma análise que buscará compreender o sistema econômico vigente no Brasil e na maior parte do mundo: o capitalismo global.

Na fase atual do capitalismo, marcado pela internacionalização do capital, temos a globalização que interliga as economias em blocos internacionais, favorecendo o surgimento das crises financeiras. Segundo Juliano Pinheiro “Uma crise financeira é uma forte e rápida perda de riqueza e substância social, política e institucional em uma economia, manifestada pelo colapso dos preços dos ativos, recessão e desemprego” (Pinheiro, 2008, p. 99).

Giovanni Alves ao discutir a crise estrutural do capital, define o capitalismo global como sendo:

[...] um complexo de múltiplas determinações sócio históricas discriminadas como sendo o capitalismo do novo complexo de reestruturação produtiva do capital sob o espírito do toyotismo ou o novo espírito do capitalismo (Alves, 2011; Boltanski; Chiapello, 2009); ou o capitalismo da financeirização da riqueza capitalista sob a hegemonia do capital financeiro (Chesnais, 1996; 1998; 1995); ou ainda **o capitalismo sob dominância do neoliberalismo como bloco histórico que condiciona e constrange as políticas do Estado político do capital** (Duménil; Lévy, 2011); e o capitalismo do pós-modernismo como lógica cultural permeado de irracionalidade social (Jameson, 1996). Além disso, *the last but not the least*, capitalismo global é o capitalismo manipulatório em sua forma exacerbada tendo em vista a nova base técnica da sociedade em rede. (Alves, 2013, p. 236, grifo nosso)

Nota-se que a política neoliberal interfere de forma direta nas políticas de Estado. Levando em consideração essa afirmação de Giovanni Alves, a crise econômica enfrentada pelo Estado brasileiro entre os anos de 2014 a 2017, que é o foco de estudo deste trabalho, é parte de uma crise sistêmica característica do capitalismo global, que se iniciou em 2007-2008 nos EUA e atingiu o mundo inteiro (de formas, períodos e intensidades diferentes).

Mesmo tudo apontado para isto, grande parte dos analistas econômicos – sejam economistas ou jornalistas – insistem que a crise econômica enfrentada naquele período possuía causas internas (deve ser coincidência que tenha ocorrido num contexto mundial de recessão) e pouco tem a ver com a economia internacional.

O pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, Fernando Holanda Barbosa Filho, parte desta análise. Vejamos:

A crise resulta de um conjunto de choques de oferta e de demanda. Primeiramente, o conjunto de políticas adotadas a partir de 2011/2012, conhecido como Nova Matriz Econômica (MNE), reduziu a produtividade da economia brasileira e, com isso, o produto potencial. Mais, esse choque de oferta possui efeitos duradouros devido à alocação de investimentos de longa recuperação em setores pouco produtivos. (Barbosa Filho, 2017, p. 51)

É perceptível que em nenhum momento de seu artigo, o pesquisador evidencia a conjuntura internacional como sendo um dos elementos geradores da crise, isto se dá devido o mesmo defender como meio para tirar o país da crise o congelamento dos gastos públicos e algumas reformas.

Esse tipo de análise faz eco à voz de muitos defensores do capitalismo global, para os quais toda crise brasileira ocorre por um excesso de gastos públicos com aumento irresponsável de investimentos em Educação, Saúde, Previdência e Assistência Social. Logo, desvinculações de receitas da União e reforma previdenciária tornam-se as palavras de ordem. Deixam assim de evidenciar que no capitalismo sempre haverá crises. Mézáros afirma que “não há nada especial em associar-se capital a crise”, pois estas crises são “o modo natural de existência do capital”, caracterizam como “maneiras de progredir para além das suas barreiras imediatas e, desse modo, estender com dinamismo cruel sua esfera de operação e dominação”. Assim, mesmo que contraditoriamente, “a última coisa que o capital poderia desejar seria uma superação permanente de todas as crises” (Mészáros, 2009, p. 795).

A efeito cabe salientar que o Brasil sofreu o primeiro impacto da crise econômica mundial ainda no último trimestre de 2008, quando houve a queda de produção industrial e do PIB.

Os impactos negativos se mostraram na economia brasileira, no último trimestre de 2008, de forma que o PIB recuasse 3,9% na comparação com o trimestre anterior e depois -1,5% no primeiro trimestre de 2009 (na mesma base de comparação), quando se caracterizou a recessão da economia brasileira. (Ávila, 2012, p. 19, 20)

Devido isso, o governo Lula, à época do seu segundo mandato presidencial, adotou várias políticas anticíclicas, como a redução da taxa de juros, foi quando os bancos públicos passaram a aumentar suas linhas de crédito, com o intuito de solucionar os problemas gerados nos mercados financeiros internacionais. Portanto,

a combinação da expansão fiscal, expansão monetária e do crédito permitiram a rápida recuperação da economia naquele momento (Bresser-Pereira, 2013; Oreiro, 2015). Mesmo com tais medidas, os efeitos da crise econômica, estaria por vir, pois a crise estrutural afeta a totalidade do sistema do capital em suas dimensões internas (produção, consumo e circulação/distribuição/realização), rompendo com o processo de crescimento e evidenciando suas contradições.

Nesse sentido, se um governo não pode impedir a existência de uma crise, o que resta para ele? Em 2014 a presidenta Dilma Roussef, escolheu, sim, quem pagaria a maior parte da conta. Os cortes na Educação, na Saúde e no seguro-desemprego, o compromisso com a reforma da Previdência, veto à Auditoria da Dívida Pública contrastam com as bilionárias isenções por parte do Governo Federal aos empresários (esses sim, responsáveis por verdadeiros furos no orçamento do Governo), taxas de juros altíssimas (uma das coisas que explicam os recordes de lucros dos bancos) e insistência no *superávit* primário, segundo o relatório anual de 2014, publicado pelo Banco Central do Brasil.

Quem mais sofreu com os efeitos da crise foi a classe trabalhadora, podendo-se notar facilmente que o número de desempregados aumentou:

No país, a taxa de desemprego atingiu 12,7% em 2017, o que significa que 13 milhões de pessoas estavam desempregadas no ano. Essa foi a maior taxa da série histórica iniciada em 2012. Comparado a 2014, a população desempregada subiu 86,4%. (IBGE, 2018)

Para não perderem sua renda, e conseqüentemente sua dignidade, esses trabalhadores desocupados buscaram outras alternativas para garantirem sua sobrevivência, se submeteram a experiências de precarização do trabalho (Alves, 2009) que é o trabalho informal.

Compreender esse processo de busca pela sobrevivência dos trabalhadores que ficam desocupados devido uma crise econômica e acima de tudo analisar refletir sobre como a crise econômica entre os anos de 2014 a 2017 afetou e se fez sentir no centro comercial de Imperatriz, Maranhão, conhecido como Calçadão, é que motivaram fazer este trabalho.

Por isso, fez-se necessário ter bem definido o universo da pesquisa, a amostra e os critérios de seleção. Para Marconi e Lakatos (2001), o conjunto de seres animados ou mesmo inanimados para caracterizar o universo ou população de pesquisa devem ter pelo menos uma característica em comum, e a amostra ocorre

quando não há necessidade de investigar toda a população, deixando assim que os resultados de pesquisa obtidos por um pequeno grupo selecionado sejam considerados como o todo. Os critérios de seleção dessa amostra segundo Marconi e Lakatos (2001) devem ser feita de tal forma que ela seja o mais representativa possível do todo, selecionada convenientemente, tornando-se assim um subconjunto do universo.

Considerando as definições citadas acima, o universo da pesquisa envolveu os trabalhadores que têm suas atividades laborais no Calçadão de Imperatriz, sendo 5 informais, 5 comerciários e 2 comerciantes. Para tanto, utilizou-se uma abordagem qualitativa de caráter exploratório que segundo Reneker (1993) é indutiva, isto é, o pesquisador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, ao invés de coletar dados para comprovar teorias, hipóteses e modelos preconcebidos, usando para tanto a língua da lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação.

Os instrumentos utilizados para coletas de dados foram a observação que segundo Valentim (2005) tem a função de coletar informações de forma observacional, formal ou informalmente, de um indivíduo ou grupo em um determinado ambiente sobre um determinado fato ou situação. Como também entrevista semiestruturada que baseia-se na utilização de um questionário como instrumento de coleta de informações o que garante que a mesma pergunta será feita da mesma forma a todas as pessoas que forem pesquisadas. Gil (1999, p. 121) explica que “a entrevista [...] desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número”.

Todos os dados coletados foram analisados, discutidos e redigidos neste artigo, que será organizado em três tópicos, mais a conclusão e as referências. No tópico um é esta introdução ao tema, no tópico dois elencaremos o ambiente de crise econômica no Brasil, trazendo alguns dados do índice de desemprego a partir do ano de 2012, no país e no Estado do Maranhão e seus reflexos na cidade de Imperatriz. No tópico três, apresentaremos a análise e discussão dos dados da pesquisa que foi realizada no dia 13 de outubro de 2017. Ressaltamos que em razão do pouco número de entrevistados, apenas doze, não é possível generalizar os resultados e afirmar,

categoricamente, que o aumento de trabalhadores informais no calçadão de Imperatriz no período analisado se explica única e exclusivamente pela crise econômica do Brasil de 2014 a 2017. Mas, de qualquer forma, os dados apontam nessa direção. Na medida em que as crises capitalistas são cíclicas, cabe investigar mais detalhada e profundamente essa linha de raciocínio.

1 REFLEXOS DA CRISE ECONÔMICA NO BRASIL DE 2008 A 2017

Em 2008, o Brasil estava experimentando um período de crescimento econômico sólido antes da crise financeira global. O mercado de trabalho estava relativamente aquecido, e a taxa de desemprego estava em um patamar mais baixo, segundo Silva e Fonseca Neto:

No Brasil, o mercado de trabalho passava por um momento favorável quando foi atingido pela crise, como se verifica pela taxa de desemprego, que se encontrava em 7,8% na média do terceiro trimestre de 2008 – naquele período, o nível mais baixo desde o início da série calculada com a metodologia atual, iniciada em março de 2002, de acordo com a Pesquisa Mensal do Emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PME/IBGE). (Silva; Fonseca Neto, 2014, p. 266)

No entanto, após a crise financeira global de 2008, a economia brasileira também foi afetada, resultando em uma desaceleração do crescimento e, subsequentemente, em uma diminuição das oportunidades de emprego. Essa aconteceu no coração do sistema capitalistas, nos Estados Unidos da América e por mais que alguns não reconheçam que uma crise financeira ocorrida em um país como aquele, possa atingir o Brasil, estaria redondamente enganado. Segundo Bresser-Pereira:

A economia brasileira não está blindada contra a crise financeira internacional em virtude da fragilidade financeira do setor produtivo, a qual se deve a sua excessiva exposição a instrumentos de derivativos de câmbio. As empresas se valeram de um processo de defesa de margem de lucro em face do processo contínuo de apreciação cambial evidenciado nos últimos dois anos, acarretando queda na receita operacional das empresas. Podemos afirmar, portanto, que as empresas substituíram receita operacional por receita financeira. Além disso, evidenciou-se um segundo fator que contribuiu para esta exposição: o otimismo generalizado do mercado, otimismo este sancionado pelo Governo Federal. Foi sob este contexto que as empresas reduziam as suas margens de segurança e, sob este enfoque, afirmamos que o mito da blindagem desconsiderou a fragilidade do setor privado não-financeiro. A crise brasileira é endógena, fruto da crescente fragilidade financeira do setor privado e decorrente da exposição ao risco cambial. O

gatilho, é verdade, foi exógeno, oriundo do recrudescimento da crise internacional. (Bresser-Pereira, 2009, p. 146, 147)

Para tentar fugir da crise econômica de 2008, o governo brasileiro adotou várias medidas para enfrentar a crise e mitigar seus impactos. Embora o Brasil tenha sido afetado pela crise financeira global, em parte devido à sua dependência das exportações de commodities, o governo implementou políticas econômicas para estimular a demanda interna, proteger o mercado de trabalho e estabilizar o sistema financeiro.

Algumas das principais ações tomadas pelo governo brasileiro incluíram a redução das taxas de juros, para estimular o consumo e o investimento. Essa redução ajudou a tornar o crédito mais acessível e barato para empresas e consumidores. Interviu no mercado de câmbio para evitar uma valorização excessiva do Real, o que poderia prejudicar as exportações brasileiras. Essa intervenção ajudou a manter a competitividade das exportações. Além de lançar programas de estímulo fiscal, incluindo reduções de impostos e incentivos para setores específicos da economia, que visava aumentar o investimento privado e o consumo. Investiu massivamente na infraestrutura, para gerar empregos, expandiu o programa minha casa, minha vida, estimulando o setor da construção civil. O governo também expandiu programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, para auxiliar as famílias em situação de vulnerabilidade durante a crise. Fortaleceu o mercado financeiro, incluindo a concessão de empréstimos às instituições financeiras e a garantia de depósitos bancários. Essas ações ajudaram a mitigar os impactos da crise econômica de 2008 no Brasil e contribuíram para a recuperação gradual da economia nos anos seguintes, mantendo a taxa de desemprego a níveis baixos.

De 2003 a 2013 o mercado de trabalho brasileiro passou por mudanças profundas, sendo, possivelmente, uma das mais importantes o fato de a taxa de desemprego, medida pela Pesquisa Mensal do Emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PME/IBGE) ter passado de 12,3% para 5,4% no conjunto das principais regiões metropolitanas brasileiras, a menor média anual histórica de acordo com os dados da atual metodologia iniciada em março de 2002. (Silva; Pires, 2014, p.2)

Essa queda no índice de desemprego deu-se até o ano de 2013, graças as medidas já elencadas. Contudo, ainda em 2013 o governo brasileiro enfrentou uma forte crise política, que abalou não só a economia, mas toda estrutura do Estado brasileiro, levando inclusive ao Impeachment da então presidenta Dilma Rousseff.

Essa crise política, teve seu auge em junho de 2013, no que ficou conhecido como as “jornadas de junho”, pois uma série de protestos e manifestações em todo o Brasil que começaram em junho daquele ano e tiveram um impacto significativo nas políticas e na sociedade brasileira. O estopim para as manifestações foi o aumento das tarifas de transporte público em diversas cidades brasileiras, o que gerou insatisfação entre os jovens, estudantes e a população em geral. O aumento das tarifas simbolizou para muitos a falta de qualidade dos serviços públicos e o custo de vida crescente. Além das tarifas de transporte, os protestos também expressaram a insatisfação com a corrupção no governo e os altos gastos públicos, particularmente em projetos relacionados à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016. As manifestações rapidamente se expandiram para abranger uma série de questões, incluindo saúde, educação, segurança pública e outros aspectos da vida cotidiana.

As Jornadas de Junho de 2013 (ora denominadas JJ13) podem ser consideradas como um marco da história política do Brasil contemporâneo. Acontecimento complexo, renegado em grande medida pelos partidos e organizações de esquerda hegemônicos, reprimida e depois pirateada pela direita conservadora e neoliberal, as JJ13 abriram o ciclo histórico de crise política da sociedade brasileira. Logo, a mesma não pode ser plenamente compreendida se não entendermos, sociologicamente, o que foram as JJ13 e, especialmente, as diferentes performances dos grupos de interesse, coalizões e classes sociais durante e depois das JJ13. Ainda mais porque, ante qualquer movimento de resistência mais generalizado, como ocorreu com a greve dos caminhoneiros de 2018, o fantasma das JJ13 ressurgiu nos corredores e bastidores do poder. Desse modo, as JJ13 estão no centro da crise política brasileira. Certamente não devemos entender tal processo a partir de um modelo simplista de causa-efeito, mas sim de uma complexa dialética ação-reação: as JJ13 provocaram diversas reações, que tentam se apropriar ou neutralizar os efeitos provocados por elas. Desse modo, o núcleo dinamizador da presente crise pode ser considerado como um produto das Jornadas de Junho, mesmo que a crise política como um todo não o seja. (Ferreira, 2018, p.1)

A conjuntura política e econômica do Brasil antes das jornadas de junho e pós-jornada, mudou bastante nos anos seguintes e isto afetou diretamente o índice de desemprego no Brasil, fazendo com que aumentasse entre os anos de 2014 e 2017. Durante esse período, o país enfrentou desafios significativos que contribuíram para o aumento do desemprego. Citamos como um dos exemplos a profunda recessão econômica que o Brasil entrou a partir do ano de 2014, caracterizada por uma queda acentuada no Produto Interno Bruto (PIB). A economia contraiu-se devido a uma série de fatores, incluindo a queda nos preços das commodities (que são vitais para a economia brasileira), a crise política, o aumento da inflação e a falta de confiança dos investidores.

A crise de 2014/2017 da economia brasileira teve como origem uma série de choques de oferta e demanda, na maior parte ocasionados por erros de políticas públicas que reduziram a capacidade de crescimento da economia brasileira e geraram um custo fiscal elevado. A taxa de crescimento do produto potencial da economia brasileira saiu da faixa de 4% ao ano para menos de 2% ao ano. Ao mesmo tempo, o setor público brasileiro abandona um superávit primário de 2,2% em 2012 e gera um déficit primário de 2,7% em 2016. O esgotamento da NME devido à perda de capacidade financeira do governo reduziu diversos investimentos da economia brasileira a partir de 2015, com a forte redução do investimento da Petrobras sendo um exemplo marcante. A crise de sustentabilidade fiscal que se seguiu elevou o risco país, a taxa de juros de longo prazo e a incerteza, reduzindo consumo e investimento de forma substancial em 2015 e 2016. A recomposição de preços e a política monetária necessária para recolocar a inflação na meta também contribuem para a recessão, principalmente devido à perda de credibilidade do Banco Central. Por último, a consolidação fiscal de 2015 devido à pouca duração e intensidade não deve ter contribuído de forma significativa para a recessão atual. (Barbosa Filho, 2017, p. 58)

A incerteza econômica levou a uma redução significativa nos investimentos, tanto nacionais quanto estrangeiros. Empresas adiaram projetos e cortaram investimentos devido ao ambiente econômico desfavorável. O governo brasileiro adotou políticas de austeridade fiscal para tentar controlar o déficit público e a inflação, o que levou a cortes em investimentos públicos e programas sociais. Isso afetou o mercado de trabalho e a demanda por mão de obra. A indústria da construção civil, que historicamente gerava muitos empregos no Brasil, sofreu uma desaceleração significativa durante esse período, devido à falta de investimentos em infraestrutura e à redução de projetos de construção, gerando ainda mais desemprego.

Com a deterioração do mercado de trabalho e a incerteza econômica, muitos consumidores reduziram seus gastos, o que impactou diretamente o comércio e a indústria, levando a cortes de empregos. Não esquecendo a alta inflação que exigiu ações do Banco Central, isto aumentou as taxas de juros para controlar os preços, gerando um efeito colateral de tornar o crédito mais caro, prejudicando os investimentos e o consumo. Esses fatores combinados levaram a um aumento significativo do desemprego no Brasil entre 2014 e 2017. O país enfrentou um período de desafios econômicos e políticos que afetaram a estabilidade econômica e o mercado de trabalho.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As entrevistas foram realizadas no dia 13 de outubro de 2017, no centro comercial da cidade de Imperatriz, Estado do Maranhão, também denominado como calçadão. Salienta-se que Imperatriz é considerada a segunda maior cidade do Estado do Maranhão, com a população correspondente a 273.110 habitantes (Fonte: Censo Demográfico/IBGE/2022), está localizada no Sudoeste do Estado, situada a 630 km de distância da capital São Luís.

Em relação a caracterização do calçadão, Jéssica Passos, descreve-o da seguinte forma:

O Calçadão de Imperatriz, baseia-se por ser um espaço público de comércio da cidade. Criado em 1979, na gestão do prefeito Carlos Amorim, está situado na Avenida Getúlio Vargas, entre as ruas Simplício Moreira e Sousa Lima, é ainda subdividido (cortado) pela rua Coriolano Milhomem. Caracterizado assim, um espaço dividido em dois calçadões. Tem por referência localizar-se nas proximidades (ao lado) da então conhecida Praça de Fátima. Marcado pelo artefato comercial, é cercado por lojas em seus diversos segmentos: confecções, calçados, acessórios, assistência técnica, entre outros; logo, dividem este espaço com vendedores ambulantes que permanecem ao centro com suas barracas também com produtos diversificados e a preços populares, dessa maneira, disputam e fazem parte da dinâmica econômica local. Nessa área o fluxo de pessoas que transitam todos os dias é bastante intenso. O respectivo ambiente chega a atrair não somente os imperatrizenses, mas também moradores circunvizinhos da região (tocantina). Vale dizer, a serem tanto funcionários como clientela. (Passos, 2018, p. 36)

Foi nessa área de fluxo que aplicamos a nossa entrevista a 12 pessoas que estão de forma direta envolvidas com o comércio. Entrevistamos 05 (cinco) trabalhadores informais, 05 (cinco) comerciários e 02 (dois) comerciantes. Ao todo foram feitas 08 (oito) perguntas. As três primeiras perguntas tinham como intenção identificar os trabalhadores e o tempo que os mesmos estavam exercendo a atividade laboral no dia da pesquisa. As demais perguntas tinham como propósito conhecer o que os entrevistados sabiam sobre a crise econômica e como ela tinha afetado o mercado de trabalho no calçadão de Imperatriz.

Com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados, foram utilizados nomes fictícios para identificar os mesmos. Logo após o nome (fictício), o trabalhador foi identificado por uma sigla para que se pudesse distinguir os trabalhadores informais, dos comerciantes e comerciários. Para identificar os Trabalhadores Informais usou-se, também entre parêntesis, a sigla (TI). Já para os trabalhadores

comerciantes, que são os donos do empreendimento comercial, utilizou-se a sigla (TP), fazendo referência ao Trabalhador Patrão. E para o Trabalhador Comerciário, que é o aquele que trabalha para o comerciante, foi utilizada a sigla (TC), também entre parênteses. A seguir, as respostas dos entrevistados.

No primeiro momento buscamos conhecer o perfil dos trabalhadores e o tempo em que estes trabalhavam no Calçadão de Imperatriz, assim seria possível traçar um paralelo entre as experiências adquiridas a partir dos anos de trabalho e o momento de crise que atingiu o Brasil entre os anos de 2014 a 2017. Notamos nas respostas dos trabalhadores informais que a média de tempo de trabalho deles no Calçadão era de 11 anos e 3 meses. Observando este dado e levando em consideração o que Jessica Passos (2018) escreveu sobre esta categoria, pode-se perceber que a permanência destes nesse local está diretamente ligada a busca pela sobrevivência e a garantia do sustento de suas famílias.

No tocante aos dois comerciantes pesquisados, um já estava com 14 anos e o outro com 30 anos que tinham lojas no calçadão de Imperatriz. Sobre os comerciários, a média de tempo que os mesmos trabalhavam era de três anos. Ao observar de maneira geral, fica em evidência que os entrevistados já tinham uma grande noção de como era e de como se tornou o calçadão de Imperatriz durante o período de crise econômica, entre os anos de 2014 a 2017.

Levando em consideração as vivências e experiências que os mesmos adquiriram durante o tempo e com a intenção de compreender como os tais compreendiam a conjuntura de crise, buscamos saber a visão deles acerca dos motivos que levaram a crise econômica no Brasil. Optamos por reproduzir as suas respostas na íntegra, para compreender melhor a visão de cada grupo de trabalhadores. Vejamos:

Francisco (TI) – Dos governantes. José (TI) – Humm... o arrocho salarial. Raimundo (TI) – Mau planejamento de Governo, de... presidente, de... e a roubalheira que se encontra hoje. Nonato (TI) – O entrevistado não respondeu. Ana (TI) – O motivo, há eu não saberia responder não, acho que só meio dos políticos, né, força política. Joaquim (TP) – São muitos os motivos, tanto da corrupção como nos desvios de dinheiro e uma má representação que estamos tendo, diante de um momento tão difícil, nós estamos maus representados pelos nossos governantes. João (TP) – Má administração do governo central do Brasil, em Brasília. Maria (TC) – Tudo está relacionado à corrupção, depois da corrupção, o desemprego aumentou, são mais de 12 milhões de desempregados. Flavia (TC) – A última crise é o desemprego. Sônia (TC) – Provavelmente o aumento de imposto. Tamiris

(TC) – O entrevistado não respondeu. *Fred (TC)* – Tanta coisa que nem sei responder.

Nota-se pelas respostas que a maior parte dos entrevistados atribuiu a culpa da crise econômica à corrupção e má administração dos governantes. O que é compreensível, pois foi em 2014 que teve início a “operação lava jato”, que segundo o doutor em História Pedro Henrique Campos, acabou gerando um impasse político que acabou alimentando a crise econômica já em curso no país, naquele período.

[...] o PIB brasileiro ficou estagnado em 2014, com elevação de meio ponto percentual. Nos dois anos seguintes, houve recuos consecutivos de 3,55% e 3,31%, em um processo depressivo intenso e inédito na histórica econômica brasileira recente. O olho do furacão da crise se deu na indústria da construção, na qual houve o resultado conjugado da paralisação dos investimentos estatais com os efeitos da Lava Jato. (Campos, 2019, p. 137, 138)

É importante ressaltar que o discurso contra a corrupção foi a força motriz desta operação, fazendo com que a mesma ganhasse um forte espaço na mídia nacional, nas redes sociais e nos lares dos brasileiros, o que evidencia mais uma vez a grande força da mídia. Segundo Blanco, a comunicação midiática

[...] tem, por um lado, a mídia atuando na produção das notícias e das informações e, por outro lado, o seu público colocando-se como receptor, o que certamente obscurece o procedimento dialogal da comunicação e cria efeitos consideráveis sobre a opinião pública (Blanco, 1999 apud Quadros, 2016, p. 91).

Ao analisarmos as respostas dos trabalhadores entrevistados, percebe-se que muitos deles não sabiam ao certo os reais motivos da crise econômica e na ânsia de buscarem identificar as causas, acabaram reproduzindo o discurso que foi veiculado pelos principais meios de comunicação. Nesse sentido, vale ressaltar mais uma vez o que é uma crise econômica dentro do sistema capitalista.

As crises do sistema capitalista sempre foram de natureza econômica e financeira. Dito isto, a crise econômica mundial não pode ser reduzida à sua dimensão financeira, tanto na sua origem como no seu processo. Essas crises econômicas e financeiras se inscrevem dentro de uma crise mais ampla na qual se observa uma interpenetração entre um índice de desemprego elevado e a degradação das condições de trabalho que se misturam com outros fenômenos sociais. (De Sousa, 2019, p. 163)

Neste sentido, a crise entre os anos de 2014 e 2017 pertencem à categoria de grandes crises econômicas e financeiras e crise dos modelos de análise econômicas e financeiras, ou do pensamento econômico, uma crise cognitiva (Lebaron, 2010),

uma vez que desvenda os limites do modelo de crescimento econômico que é engendrado pelo regime de acumulação dominada pelo setor financeiro.

Isaac Johsua nos apresenta uma grande lição sobre a crise econômica, é que o milagre não se produziu e que o capitalismo continua sendo um sistema fundamentalmente anarquista. “Quando ele funciona, é em benefício de uma minoria em detrimento dos que produzem a riqueza. E quando ele não funciona ele carrega consigo toda a população para o precipício” (Joshua, 2009, p. 121). O que nos levou a analisarmos a outra pergunta feita aos entrevistados, na qual buscamos saber como a crise econômica afetou o trabalho dos mesmos. Segundo eles:

Francisco (TI) – Há... Bastante! José (TI) – Deixamos de vender. Raimundo (TI) – Há, ela está afetando nós de toda maneira... é...é... por combustível, é por gás... é de toda forma, imposto. Nonato (TI) – Tem afetado muito, o povo não tem dinheiro, não tem emprego, por isso o povo não vem comprar. Ana (TI) – Falta de dinheiro no mercado. Joaquim (TP) – De várias formas. Pelo tanto que a gente vê o desemprego, muitas pessoas que gostariam de ter uma renda, mas não tem por falta de um emprego, isso afeta toda estrutura, principalmente no seu dia a dia, na família. João (TP) – Olha, pouca circulação do dinheiro no mercado faz com que o comércio diminui o fluxo. Maria (TC) – No meu ramo, no ramo de vendas que a gente trabalha, caiu bastante, no ramo de beleza, a gente vende, mas não como antes, a gente vendia mais. Flavia (TC) – Falta de emprego. Tamiris (TC) – É... não sei responder. Fred (TC) – Tem dia que vende bem, tem dia que não vende, as pessoas não têm dinheiro deixam para virem depois.

Pelas respostas dos entrevistados, podemos constatar que a grande maioria respondeu que houve uma queda nas vendas e esta queda se dá devido à falta de dinheiro circulando no comércio do calçadão de Imperatriz, seja ele formal ou informal. Já Oreiro (2017) acredita que, na realidade, a economia brasileira perdeu seu ritmo de crescimento devido à expressiva queda da formação bruta de capital fixo que aconteceu a partir do segundo trimestre de 2014 – que ocorreu devido ao acirramento da luta de classes, que conquistou aumentos salariais que passaram a ser reajustados acima da inflação. Essa conquista dos trabalhadores aumentou o custo marginal dos empresários, que veem seus lucros reduzidos.

Ao questionarmos os entrevistados se os mesmos haviam percebido um aumento no número de trabalhadores informais no centro comercial de Imperatriz, todos os entrevistados responderam que sim, que houve um aumento significativo de camelôs e vendedores ambulantes no calçadão. Isto coloca em evidência que os trabalhadores ao perderem seus empregos por conta da crise econômica, procuram

outras formas de trazer sustento para dentro de suas casas, sendo o trabalho informal uma destas formas. Segundo Matsou,

O trabalho informal pode tanto indicar uma estratégia de sobrevivência frente à perda de uma ocupação formal, quanto uma opção de vida para alguns segmentos de trabalhadores que preferem desenvolver seu próprio negócio para ganharem mais, serem seus próprios patrões e terem maior autonomia. Nesse aspecto, surgem perguntas quanto a uma preferência dos trabalhadores pela formalidade ou informalidade, a rigidez ou a flexibilidade. (Matsuo, 2009, p. 4).

Perguntamos também aos entrevistados se eles conheciam alguma loja que teria fechado por não ter conseguido se manter durante a crise. Todos os entrevistados responderam que viram muitas lojas serem fechadas por conta da crise econômica, principalmente aquelas que há pouco tempo tinham sido instaladas. Com o fechamento de lojas ou redução do número de trabalhadores nas empresas, mais trabalhadores ficam desempregados e conseqüentemente menos dinheiro circula na cidade. Assim, quanto menos dinheiro a população tem, menos ela compra e mais lojas tendem a fechar. Esse ciclo vicioso tende a permanecer até que a crise econômica chegue ao fim.

A última pergunta feita foi de caráter bem abrangente, pois nela queríamos saber se os entrevistados tinham uma noção ampla da crise e de seus possíveis efeitos no centro comercial de Imperatriz. Foi feita a seguinte pergunta: como esta crise está afetando o centro comercial em Imperatriz?

Vejamos a seguir as repostas:

Francisco (TI) – Rapaz, pelos últimos dois anos tenho visto uma queda no comércio de Imperatriz. *José (TI)* – De todos os lados. *Raimundo (TI)* – Com o aumento do desemprego, falta de dinheiro, pessoas desempregadas, falta dinheiro para compra, então afeta todos nós, não só o comércio informal, mas o comércio geral. *Nonato (TI)* – O entrevistado não respondeu. *Ana (TI)* – Com falta de emprego. *Joaquim (TP)* – Quando fala em recessão é uma crise, quando tem crise o poder de compra diminui, isso a gente fica mais limitado no nosso consumo, em todos os aspectos que a gente pensar, mesmo o preço estando estável, mas você fica impossibilitado e tem que ter muito cuidado para não se endividar, porque a gente vive em um momento de armadilha. *João (TP)* – A falta de circulação do dinheiro. *Maria (TC)* – É em questão de falta de vendas, tipo de fechar as lojas, por conta da crise. *Flavia (TC)* – O fechamento das lojas. *Sônia (TC)* – Diminui as vendas e aumenta o desemprego. *Tamiris (TC)* – As vendas não estão boas, estão ruins e por isso mais lojas tendem a fechar. *Fred (TC)* – Não sei responder.

As respostas dadas a esta questão por parte dos entrevistados reafirmam o que eles já haviam respondido nas perguntas anteriores, sinalizando que a crise

econômica do Brasil entre os anos de 2014 e 2017 afetou o mercado de trabalho em Imperatriz, diminuindo o fluxo nas vendas devido à pouca circulação de dinheiro, o que levou ao fechamento de lojas e, conseqüentemente, aumentou o número de desempregados.

Em razão do pouco número de entrevistados, apenas doze, não é possível generalizar os resultados e afirmar, categoricamente, que o aumento de trabalhadores informais no calçadão de Imperatriz no período analisado se explica única e exclusivamente pela crise econômica do Brasil de 2014 a 2017. Mas, de qualquer forma, os dados apontam nessa direção. Na medida em que as crises capitalistas são cíclicas, cabe investigar mais detalhada e profundamente essa linha de raciocínio.

CONCLUSÃO

A eclosão de crises é uma dura realidade para países que vivem no sistema capitalista. Imperatriz não foge a esta lógica e, conseqüentemente, sofre com os efeitos das crises cíclicas e estruturais do capitalismo internacional.

Este trabalho evidenciou a situação de doze trabalhadores do centro comercial da cidade de Imperatriz, o conhecido calçadão. Pelas respostas obtidas percebemos que a crise econômica do Brasil entre os anos de 2014 e 2017 afetou de forma direta o mercado de trabalho em Imperatriz, fazendo-se sentir na diminuição do fluxo de vendas no comércio local devido à pouca circulação de dinheiro. Os entrevistados salientaram também o fechamento de lojas e o aumento do número de desempregados.

Em razão da necessidade de sobrevivência, muitos daqueles que compõe a elevada taxa de desemprego estrutural começaram a trabalhar de maneira informal no calçadão de Imperatriz. O aumento de trabalhadores informais naquele local foi percebido e relatado por todos os entrevistados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal – Precarização do trabalho e redundância salarial. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 12 n. 2 p. 188-197 jul./dez. 2009.

ALVES, Giovanni. Crise estrutural do capital, maquinofatura e precarização do trabalho – a questão social no século XXI. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 235 - 248, jul./ dez. 2013.

ÁVILA, Marcelo de. **Impacto da crise no mercado de trabalho da indústria de transformação**: uma análise das horas trabalhadas e do emprego. Mercado de trabalho. Vol. 52. IPEA. Ago. 2012.

BARBOSA FILHO, Fernando de Holanda. A crise econômica de 2014/2017. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol 31, ed. 89, Jan./Apr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890006> > Acesso em: 20 de outubro de 2017.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O governo Dilma frente ao “tripé macroeconômico” e a direita liberal e dependente. **Novos Estudos**. Vol.32, n. 1, pág. 6-14, mar. 2013.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A crise financeira de 2008. **Revista de Economia Política**. Vol. 29, nº 1 (113), pp. 133-149, janeiro-março/2009.

CAMPOS, Pedro Henrique. Os efeitos da crise econômica e da operação Lava Jato sobre a indústria da construção pesada no Brasil: falências, desnacionalização e desestruturação produtiva. **Mediações**, Londrina, Vol. 24 n. 1, pág.127-153, Jan. – Abr. 2019.

DE SOUSA, A. P. (2019). A Sociologia Econômica e os Desafios Interpretativos da Crise do Capitalismo. **Revista Tomo**, n.35, p.153-189. Disponível em: <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i35.6178> Acesso em: 20 jun. 2023

Entre 2014 e 2017, desemprego cresceu mais em Santa Catarina e no Rio. Agência IBGE notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20118-entre-2014-e-2017-desemprego-cresceu-mais-em-santa-catarina-e-no-rio-de-janeiro> Acesso em: 07 de maio de 2023

FERREIRA, Andrey Cordeiro. **Ecos de Junho: Insurgências e crise política no Brasil (2013-2018)**. Disponível em: < <https://diplomatie.org.br/ecos-de-junho-insurgencias-e-crise-politica-no-brasil-2013-2018/> > Acesso em 28 de ago. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, Quarto Trimestre de 2017**. Rio de

Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2017_4tri.pdf
Acesso em 15 de maio de 2023

JOHSUA, Isaac. **La grande crise du XXI siècle, une analyse marxiste**. Paris, La Dé-couverte, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEBARON, F. **La crise de la croyance économique**. Paris: éditions du croquant, 2010.

MATSUO, Myrian. **Trabalho Informal e Desemprego: Desigualdades sociais**. Tese (doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. 2009.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2009.

PASSOS, Jessica Gomes. **O trabalho informal: uma abordagem sobre a realidade do trabalhador autônomo/por conta própria na cidade de Imperatriz-MA** / Jessica Gomes Passos. Monografia do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas / Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz, 2018.

QUADROS, Doacir Gonçalves de. O poder e a mídia na teoria social. **Ius Gentium**, Curitiba, vol. 7, n. 2, p. 78-94, jul./dez. 2016.

OREIRO, José Luís. Do Tripé Macroeconômico ao Fracasso da Nova Matriz: a Evolução do Regime de Política Macroeconômica no Brasil (1999-2014). **Revista Politika do Rio de Janeiro**, 16-33. doi:10.13140/RG.2.1.2445.7122. (2015)

OREIRO, José Luis. A grande recessão brasileira: diagnóstico e uma agenda de política econômica. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 89, p. 75-88, mar. 2017. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/estudos-avancados/user-item/6615-revista-estudosavancados/434-a-grande-recessao-brasileira-diagnostico-e-uma-agenda-de-politica-economica>.
Acesso em: 20 jun. 2023.

PINHEIRO, J. L. **Mercado de Capitais: Fundamentos e técnicas**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RENEKER, Maxine H. **A qualitative study of information seeking among members of na academic community: methodological issues and problems**. Library Quarterly, v. 63, n. 4, Oct. 1993.

SILVA, Fábio José Ferreira da. FONSECA NETO, Fernando de Aquino. **Efeitos da crise financeira de 2008 sobre o desemprego nas regiões metropolitanas brasileiras**. Belo Horizonte: Nova Economia, 2014.

SILVA, Fábio José Ferreira da; PIRES, Leandro Siani. **Evolução do Desemprego no Brasil no Período 2003-2013: análise através das probabilidades de transição.** - Trabalhos para Discussão, n° 349. Brasília: Banco Central do Brasil, 2014. p. 1-32

VALENTIM, M. L. P. **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação.** São Paulo: Polis, 2005.